

Rota Romântica, Turismo e Etnicidade¹.

Mestranda Teresinha M. K. Haas²

Universidade de Caxias do Sul

Resumo

O artigo propõe analisar o Turismo e suas interfaces com a Antropologia, enfocando o contato dos turistas com as culturas locais, dentro do Projeto Rota Romântica, seus processos de relacionamento e preservação de identidades étnicas. Turismo e suas interfaces com a Antropologia a partir do contato dos turistas com as culturas locais e os processos de relacionamento e preservação de identidades étnicas nas suas múltiplas contextualizações. E, para uma melhor compreensão de análise do presente artigo, será utilizado o artigo do antropólogo Rodrigo de Azevedo Grunewald para o que ele denomina de Turismo e Etnicidade como referência, tendo em vista que o Projeto Rota Romântica tem como eixo de proposta a origem étnica e o turismo como estratégia de desenvolvimento.

Palavras - Chave

Turismo; Etnicidade; Rota Romântica/RS

1 Introdução

O olhar dos anfitriões sobre os turistas, e destes sobre as comunidades locais, é diversificado. Parte da literatura tende a registrar que os anfitriões, em localidades turísticas, tenderiam a ver os visitantes preferencialmente como uma possível fonte de renda, e menos como pessoas com desejos, preocupações, angústias. O mesmo se daria com os visitantes, sujeitos sociais que enxergariam a si mesmos como consumidores de serviços e, aos anfitriões, como *meros* prestadores de serviços, ou seja, exercendo funções subalternas. Esta objetivação entre os sujeitos geraria atritos de toda ordem,

¹ Trabalho apresentado ao GT “ Turismo e construções simbólicas” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de Julho de 2006.

² Mestranda do Curso de Turismo UCS, Especialista em Turismo, professora do Curso de Bacharelado em Turismo UCS Nucan – Carvi.

e somaria descrédito para a atividade turística como um todo, que passaria a ser vista nos seus impactos e não nos seus benefícios. A conciliação entre a concepção – o planejar – do produto turístico e as práticas do fenômeno social e cultural que se produz no momento em que há o desfrute desse *produto*, tem se mostrado uma tarefa de difícil condução. A consequência mais polêmica, mas longe de ser a única, é o reflexo sobre as identidades locais, pois o turismo acaba ganhando maior visibilidade pela presença física dos turistas, entre outros, contexto de complexidade da sociedade contemporânea.

O turismo, numa abordagem *stricto sensu*, é um tipo específico de deslocamento praticado por um tipo específico de viajante, que é o turista. Existem muitos tipos de viajantes e o que os diferencia são características como o objetivo da viagem, o tempo de permanência fora de casa e o seu estado de espírito no local visitado. Ao mesmo tempo, constitui-se em um fenômeno social, dado que implica o deslocamento de grandes contingentes de pessoas que passam a ser habitantes temporários de locais nos quais não residem, e com os quais nem sempre constroem laços de pertencimento, ocasionando múltiplos impactos nessa sociedade receptora.

No momento contemporâneo, este fenômeno social acentua sua presença e desdobramentos, porque o ato de viajar passou a fazer parte das necessidades, criadas pelo mundo moderno e legadas ao século XXI em novos formatos, estes menos massivos e buscando atender diferentes segmentos de público. Desde o século XIX, o turismo passou a ser uma das formas preferidas de lazer e, na atualidade, o *fazer turismo* tornou-se uma aspiração para além das elites com recursos financeiros para exercitá-lo: viajar inclui-se nas demandas dos mais diversos grupos socioeconômicos.

O mundo científico, sempre atento às modificações sociais, busca reunir dados para analisar as novas formas de demanda e exercício do turismo. E se existe hoje um corpo de conhecimentos que possa ser reunido sob uma possível *turismologia*, este seria o conjunto dos estudos realizados por geógrafos, economistas, sociólogos, antropólogos e bacharéis em Turismo, entre outros, áreas de conhecimento que procuram dar conta de seus diferentes aspectos e manifestações. Dentre estes campos de estudo, a Antropologia tem dado uma importante contribuição.

2. Turismo: olhares antropológicos

Se os primeiros estudos a buscar caracterizar o fenômeno nasceram na Economia, que destacava o seu papel positivo no ingresso de divisas e efeitos multiplicadores na cadeia produtiva e na geração de empregos e renda, a Antropologia de certa forma centrou sua atenção nas relações interculturais desencadeadas, com ênfase nos impactos sobre a cultura local, ocasionados pelos contingentes visitantes com outros padrões culturais. Sob a presença destes visitantes, a cultura local seria submetida a mudanças nas relações de gênero, nas tradições familiares, nos hábitos cotidianos. Na sua versão positiva, a presença de turistas pode auxiliar no resgate de certas tradições já em descrédito nas comunidades. Positivas ou negativas, a Antropologia tem se especializado em aprofundar o estudo destas relações e seus desdobramentos.

Exemplo neste sentido é apresentado nos estudos de Rodrigo de A. Grunewald (2001) sobre os índios pataxós, em presença do turismo. Grunewald mostra de que forma os índios recuperam e reinventam sua condição de *índios do descobrimento*, ou seja, associados aos primeiros contatos com o homem branco europeu, e dessa forma conseguem, por um lado, uma inserção econômica e social no presente, mas, por outro, uma reafirmação de sua especificidade étnica em relação aos brancos. A etnicidade é reafirmada quando, justamente com a produção de *artesanato turístico* – objetos étnicos adequados ao gosto dos turistas – os pataxós começam a resgatar o artesanato utilitário e a expô-lo para si próprios como recuperação da sua memória. Por outro lado, Grunewald também registra que a comunidade indígena tem claro para si a proteção de sua cultura, diferenciando o papel social do *pagé-para-turistas*, daquele do pagé da comunidade.

Nagel (1996), por sua vez, mostra que muitos índios norte-americanos não têm especial interesse em interagir com os turistas, nem consideram as possibilidades culturais do chamado *turismo étnico*; neste caso, preferem recorrer à exploração de cassinos e outros jogos de azar, em muitos casos proibidos nos locais onde a reserva indígena está situada. Como a área da reserva possui estatuto próprio, no sentido de estabelecer as suas próprias leis, os jogos de azar tornam-se uma opção econômica importante. O relato de Nagel corrobora a idéia de que a busca ou não por trocas culturais, também deve se apresentar (ou não) como uma opção do grupo receptor. Labate (1997), por sua vez, demonstra que existiriam diferentes tipos de turistas com distintas motivações para viagens e que, nos seus deslocamentos, manteriam relações diversas com as comunidades visitadas, indo do contato mais superficial até uma convivência próxima e participativa.

Graburn (1976a) talvez tenha sido o primeiro a elaborar um conjunto de suposições sobre identidade e artes étnicas na relação com o turismo, em coletânea que agrega vários estudos de casos dispostos regionalmente. Este autor, percebia a etnicidade como uma construção identitária num

mundo plural, onde comunicação, educação e viagem apareceriam como fundantes de conhecimento e de acesso aos mais variados outros. Em tal cenário, “identidades ameaçadas” muitas vezes poderiam buscar uma renovação das tradições, algumas vezes tentando imitar ou mesmo reviver os estilos de um período anterior (passado recente ou remoto) de uma cultura própria “ou mesmo a ressurreição dos traços de alguma outra sociedade prestigiosa”.

Na mesma direção, Mac Cannell (1992a) usa a expressão *etnicidade construída* para referir às várias identidades étnicas que emergiriam por meio de oposição aos processos coloniais. Mas, segundo ele, a *etnicidade construída* seria apenas um *trampolim conceitual para um fenômeno mais complexo* e que se refere a uma *difusão global da Cultura Branca*, um colonialismo interno associado em larga medida ao moderno turismo de massa, que produzem novas formas étnicas de maneira mais utilitária. Tratar-se-ia de uma *etnicidade-para-turismo*, na qual culturas exóticas figurariam como atração chave, quando os nativos se esforçam “para satisfazerem à demanda turística”, ou para *fazer-se-nativo-para-turistas* (Mac Cannell, 1992d, p.158-159).

Seria, não raro, nesta *etnicidade-para-o-turismo* que ganha expressão no dito turismo étnico, principalmente entre os povos do Quarto Mundo³, “em regiões de refúgio” (Beltran 1979 *apud* Van Den Bergue 1994), quando estas são invadidas por turistas que buscam redescobrir o que aos seus olhos seriam *manifestações culturais autênticas*, entre os nativos para além fronteiras do capitalismo global – o que não quer dizer que o turismo, nesta versão, não se apresente como uma nova versão de colonialismo (Grünwald, 2002). Mac Cannell (1992e, p.176) sustenta que o “moderno turismo de massa estaria baseado em duas tendências aparentemente contraditórias: a homogeneização internacional da cultura dos turistas e a preservação artificial de grupos étnicos locais e atrações tais que elas possam ser consumidas como experiências turísticas”, independentes destas relações se darem no segundo, terceiro ou quarto mundo.

Os estudos parecem mostrar que, mesmo quando uma etnicidade é promovida em face ao turismo, isso não queria dizer que os limites da comunidade étnica sejam coincidentes com os da *arena turística*, ou seja, o espaço social onde ocorrem interações geradas pela atividade turística; os atores nativos constroem uma encenação de si, com a qual se identificam de fato, mesmo que motivada por questões de turismo. Ou seja, nem todos os nativos da comunidade étnica estão engajados na etnicidade para o turismo, mas os que estão acabam por formar uma outra comunidade,

³ Quarto Mundo é um “nome coletivo para todos os povos aborígenes ou nativos cujas terras ficam dentro de fronteiras nacionais e administrações tecnoburocráticas dos países de Primeiro, Segundo e Terceiro Mundos. Como tais, são populações sem países próprios, que estão geralmente em minoria e sem o poder de dirigir o curso de suas vidas coletivas”. (Graburn 1976 b, 1m)

a turística que, por se constituir e se apresentar por linhas étnicas pode é chamada provisoriamente de *comunidade etnoturística* (Grünewald, 2004).

Estas comunidades acabariam, muitas vezes, por fazer dessas *arenas* fóruns de onde conseguem falar de si para o mundo, um mundo pós-moderno que necessitaria cada vez mais do primitivo como contraponto estratégico. Contudo, uma fragmentação atinge os grupos étnicos nativos que se inserem ou não em produções culturais para turistas, pois muitos pertencem a populações aculturadas tramitando entre os conflitos rurais e os tentáculos do mundo industrial. Ainda assim, uma flexibilidade pós-moderna acaba por abrir espaço para que esses “ex-primitivos” (Mac Cannell, 1992b) se transformem em primitivos performativos que, evitando o trabalho em fazendas ou indústrias, atuem como atores a desempenhar a peça do primitivismo demandada pela pós-modernidade. Segundo Mac Cannell (1992c, p.101), a pós-modernidade basear-se-ia em um princípio oposto daquele da assimilação, uma vez que *povos tradicionais*, incluindo ex-primitivos, especialmente aqueles que têm adotado o turismo como seu meio de ganhar a vida, agora tem a opção de basear seu avanço econômico no transformar em espetáculo suas qualidades distintas, sua singularidade cultural.

Contudo, as culturas não devem ser contrapostas como entidades substantivas exclusivistas, pois os conteúdos culturais dos grupos são dinâmicos, coextensivos e a lógica de atribuição nativa dos sinais diacríticos deve prevalecer mesmo quando a cultura é nitidamente compartilhada (Grünewald, 2004, p. 6). “Aqui cultura é tratada como um conjunto complexo, uma totalidade coerente, estável, de contornos tangíveis, capaz de condicionar os comportamentos” (Gruzinski, 2001, p. 51) que, para ser caracterizada ou apreender, “bastaria definir seu conteúdo, destacar suas lógicas, atualizar suas funções e virtualidades, tomando-se o cuidado de descobrir seu núcleo”.

Geertz (1978) qualificou a cultura como uma teia de significados, tecidos pelas pessoas; a ação de construir a teia, moldando e remodelando suas partes constituintes dinamicamente, é privilegiado como criativo na produção e transformação do formato da cultura. Essa maneira de ver não deve ser simplesmente oposta à noção da cultura como estrutura, como um sistema que molda a ação e o pensamento humano. Somando a isso, considere-se que os fluxos culturais são históricos e as conjunturas da interação social e da cultura são mutáveis. Novas condições estruturais se combinam com as possibilidades de ações criativas e intencionais, restabelecendo periodicamente os veículos culturais que referenciam a identificação étnica dos povos, como a revitalização musical, artística, ritualística, culinária, entre outras, das maneiras mais diversas, que variam desde a continuidade de elementos culturais – a dita tradição – até a criação, invenção, resgate, empréstimos

e mais uma variedade possibilidades que, em suma, promovem ou sustentam uma mobilização coletiva do grupo em termos identitários.

Em meio a toda esta amplitude, o campo da Antropologia, assim como outras áreas de conhecimento, não apresenta uma homogeneidade de posicionamentos acerca deste fenômeno. Quanto aos *impactos do turismo* e ao *desenvolvimento turístico*, estes ainda são vistos, em muito, sob a perspectiva de desenvolvimento econômico e poucos estudados os seus feitos sob o enfoque das relações e manifestações de visitante e visitado, e seus efeitos sobre as identidades. (Graburn, 1976), ao tratar das identidades, aponta para a possibilidade de as percebermos em constante mudança face aos contextos de interação dos grupos sociais no cenário mundial, e não mais como construções acabadas. O autor percebe a etnicidade como uma construção identitária em um mundo plural, no qual comunicação, educação e viagem apareceriam como fundantes de conhecimento e de acesso aos mais variados *outros*.

Se as identidades definem-se a partir de relações e interações múltiplas, estas são muitas e se fragmentam em pertencimentos que não reconhecem, necessariamente, fronteiras étnicas. As culturas também são dinâmicas, não automaticamente limitadas as suas sociedades ou povos específicos, mas, no mundo contemporâneo, cada vez mais também submetidas aos fluxos (Hannerz 1997) e correntes (Barth 1984), seus elementos constituintes são de origem incerta como incerto é seu futuro. Como afirma Nagel (1996, p.43), “se identidade é o componente cognitivo, cerebral da etnicidade, cultura é o seu coração e sangue”.

Em tal cenário, *identidades ameaçadas* muitas vezes poderiam buscar uma renovação das tradições, algumas vezes tentando imitar ou mesmo reviver os estilos de um período anterior (passado recente ou remoto) de uma cultura própria “ou mesmo a ressurreição dos traços de alguma outra sociedade” (Graburn, 1976 p.25). Ou seja, a aldeia não é destruída, mas sua função primária muda e não se funda mais apenas sobre relacionamentos humanos internos a comunidade, mas sob a presença de turista que buscam experimentar lugares onde relacionamentos humanos ainda pareçam existir.

Mas, continuaria pertinente perguntar: Se o exótico, o outro, é procurado em lugares distintos do de origem do visitante, se o visitante, teoricamente, procura ali um relacionamento mais *autêntico*, até que ponto os habitantes desses lugares devem se apresentar de acordo com o exotismo requerido pela perspectiva turística a fim de serem atrativos no mercado turístico? Torna-se, assim, imprescindível repensar metodologias que permitam um olhar mais acurado sobre as novas formas

de etnicidade e de construções identitárias também estas, na pós-modernidade, associada tanto aos fixos (território e manifestações materiais da cultura local) como aos fluxos de pessoas, de culturas, e, por que não, de identidades.

Outra questão é a colocada por Susana Gastal e Poliana F. Cardoso (2005), quando colocam que: “Estudos mais recentes, encaminhados por teóricos da dita pós-modernidade, passaram a estudar as questões étnicas para além daquelas restritas a grupos geograficamente distantes e isolados, para vê-las na sua especificidade incrustadas na rede urbana, em especial nas grandes metrópoles, ou seja, independentes do seu território de origem. A presença de *grupos étnicos* diferenciados nas grandes cidades ampliou-se sob a globalização, não só incentivada por razões econômicas, mas facilitada pela popularização dos meios de transportes”. Se propostas de turismo étnico, nestes termos, ganham nova complexidade e dimensão, poder-se-ia aplicar suas teorizações para estudar outras situações, nas quais as marcas étnicas sejam motivadoras do turismo desenvolvido nas localidades, como propõem-se a seguir, para analisar a Rota Romântica, roteiro turístico do Rio Grande do Sul.

3 Um outro olhar: A Rota Romântica

A Rota Romântica é um roteiro turístico que percorre treze municípios entre São Leopoldo, na Região Metropolitana de Porto Alegre, e o município de São Francisco de Paula, no planalto do Rio Grande do Sul. No percurso, passa por municípios ao longo da estrada BR 116, RS 326 e VRS 815, entre eles Nova Petrópolis, Gramado e Canela, que teriam em comum a opção por resgatar as tradições, a cultura, os hábitos e o patrimônio histórico originados na forte presença de imigrantes alemães, no local, a partir do século XIX. A germanidade presente nestes municípios seria uma “prova”, uma história viva e um testemunho de marcas culturais de um outro tempo, mas ainda presentes, um passado a ser articulado na forma de memória para que, como tal, continue a alimentar identidades tradicionais associadas a este passado germânico, mas também a construir novas identidades a partir de uma suposta germanidade criada e recriada.

A proposta turística Rota Romântica possui, portanto, um forte apelo cultural, supondo a utilização de hábitos, costumes e tradições como a gastronomia e a língua ainda falada por muitos dos moradores da região, que têm sido transmitidos de geração em geração e ainda mantidos pelos

atuais moradores, também em suas manifestações artísticas, arquitetônicas e mesmo folclóricas, cuidadosamente conservadas, transformou a rodovia em estrada, e a estrada em rota *romântica*.

O projeto Rota Romântica nasceu de uma pesquisa de natureza técnico-científica do Curso de Turismo da PUCRS, uma prática pedagógica que experienciava uma metodologia de inventariação turística aplicada nos municípios que se estendem ao longo da estrada eixo do apontamento imigratório de origem alemã. O projeto acadêmico, aprovado pelas comunidades locais e pelo governo estadual, passa a constar como roteiro turístico, nas propostas oficiais, e torna-se pólo de atração turística, recebendo um grande número de visitantes, em especial nos meses de inverno. A presença de visitantes impõe um novo ritmo e uma nova configuração à vida dos moradores do local. O contato com *os de fora*, com os *outros*, impõe mudanças na paisagem e no cotidiano de muitas pessoas.

Algumas mudanças tornam-se visíveis ao longo dos 135 quilômetros deste roteiro, em especial nas pequenas comunidades. Os fornos de tijolos, alimentados a lenha, voltam a ganhar destaque e deles saem toda uma oferta de produtos, resultante da produção familiar, na forma de pães e cuca, mas também de *schmier* (geléia) cozida de forma tradicional, em tacho de cobre, onde o melado de cana-de-açúcar ferve misturado com frutas, resultando a *schmier*.

Outro exemplo desta nova relação com os turistas que percorrem a região, é que, pouco a pouco, permeados pela *conscientização* de que as comidas e as festas *típicas* atraem a atenção e a curiosidade dos turistas, os habitantes de diversos municípios, principalmente os de pequeno porte como Presidente Lucena, Santa Maria do Herval, Morro Reuter e Nova Petrópolis, entre outros, começaram a deixar de sentir-se envergonhados de falar português com sotaque alemão e a ter orgulho de suas raízes e a recuperar o sentido da história, da vida e da trajetória dos antepassados, passando a preservar e a recuperar tradições *coloniais*. Este resgate fica mais claro com a proposta das Festas Típicas que os municípios possuem em seus calendários de Eventos oficiais como: Festival de Folclore de Nova Petrópolis, Schmierfest de Presidente Lucena, Kartoffelfest de Santa Maria do Herval, entre outras.

O resgate também aconteceu na área de trajes típicos alemães, efetuada pelos sete grupos folclóricos de Nova Petrópolis onde aconteceu a pesquisa da origem étnica dos antepassados na Alemanha, tendo como perspectiva que com estes dados, estariam reforçando as tradições da dança, canto e música como chamariz turístico, participando do desenvolvimento do turismo local. O cenário turístico local está presente de uma maneira bem enfática em todos os instrumentos

utilizados como propaganda de venda dos municípios que fazem parte desta Associação. Nestes termos, a germanidade apropriada pelo turismo não se resume a apelos de marketing presente nos folders, cartazes e outros instrumentos enfatizando o lado étnico destas populações, mas materializa-se na cultura local.

Sobre as alterações apresentadas no local, em função do turismo, uma moradora de Presidente Lucena, instalada ao longo VRS 815, assim se expressa:

Não sei como o município é também da Rota Romântica. Também não sei o certo o que é Rota Romântica. Só sei que as pessoas falam muito da Rota Romântica. O que interessa para nós é que desde que a estrada ficou asfaltada todo mundo passa mais e pára para pedir coisas para comprar. Eu tinha algumas coisas para vender, como *schmier*. Eu vendia principalmente nos finais de semana. Aí começaram a pedir se eu não tinha pão feito em casa no dia, e outras coisas. As pessoas vão pedindo e vou botando.^{4[3]}

A entrevistada reforça a insistência dos visitantes em que o pão seja feito no dia da compra, para estar “bem fresquinho”, que a cuca não seja muito grande; e que a *schmier* não seja “velha”. Quanto aos hortigranjeiros, em especial o tomate e o repolho estes não podem “ter veneno”. Sobre o movimento na estrada, ela declara: “Aos poucos o movimento é grande. É ruim quando chove, aí não passa ninguém. No verão também vem poucos. O bom é no inverno”. Também há preocupação com o espaço de comercialização, pois: “Nós queremos construir para ficar melhor. Estacionar; as pessoas nos enxergar. Nós gostamos do turismo. Este dinheiro é bom para nós”.

Além da modificação da paisagem com o asfaltamento da estrada, também estão presentes os modos de viver dos turistas na hora de suas compras influenciando o tamanho dos pães e dasucas de acordo com o tamanho das famílias que já não são em número tão grande como antigamente. Igualmente verificamos a questão de alimentos sem agrotóxico como exigência para aquisição.

As informações apresentadas pela entrevistada sinalizam que a maioria dos clientes são casais ou famílias, que viajam em carro próprio, vindos da Grande Porto Alegre: “Quando é mais pessoas, elas vêm de carro maior ou ônibus, e aí são pessoas mais velhas, as “vovoche” elas gostam do meu pão, da rapadura e *schmier* de cana. Mas isto é muito pouco que para”. A entrevistada ainda reforçou que a parada de ônibus ou microônibus são fatos isolados, e que o maior fluxo de visitantes se dá nos finais de semana. Nas suas palavras: “Antes da estrada ter asfalto só às pessoas aqui de perto passavam ou aqui perto como Picada Café, mas elas só compravam *schmier* de cana que nós fazia”. A proprietária informou que costuma receber turistas na alta temporada, ou seja, no inverno.

^{4[3]} Entrevista à pesquisadora, em dezembro de 2005.

Percebe-se igualmente que a entrevistada não possui muitas informações “observadas” de como era antes da estrada asfaltada, apenas sabe que turistas começaram a freqüentar a Região e a Rota Romântica, a partir do asfalto. Percebe-se que essas comunidades ainda conservam muitos costumes, valores, modos de produção e visões de mundo que parecem ter saído direto de séculos passados. Numa observação mais cuidadosa sobre a realidade em questão e as transformações que experimenta, constata-se também que ainda conservam os modos de produção artesanais, não são lugares em que o tempo parou. Eles não são imunes às novas tecnologias e os novos modos de vida, o espaço formado de fixos e fluxos (Milton Santos 1988 p.77) não ficam imunes a todos os apelos e aprimoramentos gerados pelas novas tecnologias de comunicação, influenciando os ambientes e impactando a realidade da comunidade, também no meio rural. Percebe-se esta influência pelos meios de comunicação feito a televisão ligada enquanto estávamos fazendo a entrevista.

Segue-se igualmente nas observações que a entrevistada fornece, o olhar do turista quanto às questões higiênicas do local e quanto aos locais onde os alimentos ficam acomodados como prateleiras, fôrmas, os sacos de biscoitos, inclusive, reparam como eu pego os alimentos, se estou com as mãos limpas, se eu uso diretamente a mão no manuseio dos alimentos como o pão, a cuca, os biscoitos, ou se eu uso um saquinho plástico para proteger a mão. Ah, isto eu aprendi, que não dá para pegar os biscoitos com as mãos. Eles olham isto. E depois que aconteceu o problema com a cana-de-açúcar, eles perguntam se é com o bicho ou sem o bicho.

“Nos fundos onde eu preparo a guarapa, as pessoas podem ir olhar, está tudo, limpinho. Eles não tomam mais sem saber da onde veio. Eles são exigentes.”

Percebe-se que essa forma de experiência turística entre visitante e visitado é de trocas em torno de um objeto, um vendendo sua produção caseira e seu fazer gastronômico reforçando suas atividades em torno de sua origem e apurando o esforço no atendimento numa troca de informações e aprendizados e atendendo as exigências atuais e o outro, o turista, defendendo seu interesse na aquisição de produtos da colônia, mas tendo o cuidado no manuseio e apresentação da mercadoria que irá adquirir.

Igualmente ressalta a curiosidade. Segundo ela, perguntam muito de que é o biscoito, o que vai na cuca, se eu levo muito tempo para fazer os biscoitos e em relação à schmier querem saber se precisa colocar na geladeira ou se tem que comer logo, se não vai ficar ruim.

O palco constituído desta relação onde atores nativos constroem o seu espaço interagindo com o visitante gerando novas alternativas, passam a ser experiências positivas, não havendo uma superposição de um sobre o outro, - o que vem a corroborar a idéia de que o turismo étnico é opção também a partir do nativo e não se estabelece somente através do olhar do visitante, mas sim através das suas manifestações, um lugar onde relacionamentos humanos ainda parecem existir.

Considerações Finais

E assim como as identidades são muitas e se fragmentam em pertencimentos que não reconhecem fronteiras étnicas, as culturas também são dinâmicas e automaticamente limitadas às suas sociedades ou povos específicos, mas, através de fluxos (Hannerz 1997), correntes (Barth 1984) e seus elementos constituintes são de origem incerta, como incerto é seu futuro.

Sahlins (1997) sustenta que a cultura deve continuar um objeto essencial à antropologia na medida em que se remete ao fenômeno da “organização da experiência e da ação humana por meio simbólicos(Sahlins 1997:41), enfim, se alcançar uma posição entre o autêntico e o simulacro não como pares de opostos (dicotomias), mas percebendo suas esferas sociais efetivas.

A construção dessas etnicidades inclui a adaptação de diferentes performances culturais, mas que não podem ser recapturadas ou renovadas do passado. Neste caso, “ o paradigma da construção de tradição facilita um meio de olhar para práticas contemporâneas- não apenas aquelas que preenchem uma concepção popular de ‘tradição’ como vindo do passado, mas também aquelas que estão a caminho de estabelecer novas práticas tradicionais emergentes”(Bodinger de Uriarte 2003:555).

Ao se tornar relevante pensar o valor da cultura para este tipo de turismo na medida em que ela parece se valorizar pela distância cultural do viajante – o que não significa que essa mesma cultura seja o centro da etnicidade nativa, que os nativos estejam interessados em forjar uma etnicidade para turista e que o turismo étnico seja, de fato, uma opção vantajosa em todos os casos. (Grünewald 2002, a)

A Rota Romântica é uma arena turística onde o visitante pode desfrutar de um belo passeio e conhecer o autêntico alemão moderno e turístico, o alemão real dos dias atuais. Como já ressaltou Duggan (1997), “uma cultura autêntica não é a que permaneceu imutável, o que parece impossível

sob qualquer condição, mas a que retém a habilidade de determinar a aplicabilidade de suas adaptações”

E, uma cultura turística não é um simulacro, mas uma cultura produzida diante do contexto específico do turismo. É uma cultura que não obedece mais a lógicas ancestrais e relativas aos mitos de origem ou coisa parecida, mas uma cultura criada numa dinâmica pós-moderna, globalizada, informada por fluxos translocais de cultura ou de co-tradições que se encontram organizando socialmente as culturas em contextos específicos (cf. Barth 1984 e Hannerz 1992).

A Rota Romântica não é uma Ilha da Fantasia, mas um espaço social no qual traços culturais germânicos estão colocados à disposição do mercado turístico como meio alternativo de promover o seu desenvolvimento sustentável.

Referências Bibliográficas

- BANDUCCI JR, A.; BARRETO, M. *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas: Papirus, 2001. p. 7-20.
- BARRETO, Margarita. *Turismo e legado cultural*. Campinas: Papirus, 2002.
- BARTH, Fredrik. 1984. “*Problems of Conceptualizing Cultural Pluralism, with Illustrations from Somar, Oman*”. In: D. Maybury – Lewis (ed.), *The Prospects for Plural Society*. Washington D.C.: The American Ethnological Society. Pp. 77-87.
- BODINGER de URIARTE, John J. 2003 “*Imagining the Nation with House Odds: Representing American Indian Identity at Mashantucket*”. *Ethnohistory*, 50 (3): pp.549-565
- DUGGAN, Betty. 1997. “*Tourism, Cultural Authenticity, and the Native Crafts Cooperative: the Eastern Cherokee Experience*”. In: E. Chambers (org), *Tourism and Culture: an applied perspective*. New York: State University of New York Press. Pp. 31-57
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GRABURN, Nelson H. H. *Ethnic and tourist arts: cultural expressions from the Fourth World Berkeley*: University of California Press, 1976 a.
- GRABURN, Nelson H. H. *Ethnic and tourist arts: cultural expressions from the Fourth World Berkeley*: University of California Press, 1976 b. p. 1.32
- GREENWOOD, Davy ddj. “*Culture by the pound: An anthropological perspective on tourism as cultural commodization*”. In: Smith, Valene L. *Hosts and guest, the anthropology of tourism*. 2ª ed. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1995, pp.170-185.

- GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, nº. 20, p. 141-159, outubro de 2003
- GRÜNEWALD, Rodrigo de Azevedo. 2001. *Os Índios do Descobrimento: Tradição e Turismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- GRÜNEWALD, Rodrigo de Azevedo. 2002^a. “Os Pataxó e os Fluxos Coloniais”. Trabalho apresentado no GT Povos Indígenas, coordenado por João Pacheco de Oliveira e John Manuel Monteiro no XXVI *Encontro Anual da ANPOCS* em Caxambu.
- GRÜNEWALD, Rodrigo de Azevedo. 2002b. “Tourism and Cultural Revival”. *Annals of Tourism Research*, 29 (4): pp.1004-1021.
- GRUZINSKI, Serge. 2001. *O Pensamento Mestiço*. São Paulo: Companhia de Letras.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HANNERZ, Ulf. 1997. “*Fluxos, Fronteiras, Híbridos: Palavra-Chave da Antropologia Transnacional*”. *Mana. Estudos de Antropologia Social*, 3 (1): pp. 7-39.
- LABATE, Beatriz Caiuby. “*A antropologia e o tema das viagens*”. In: Luchiari, Maria Tereza D. P. (org) *Turismo e Meio Ambiente*. Campinas: IFCH/Unicamp, Textos Didáticos nº. 31 (1), nov./1997, pp. 80-102.
- MAC CANNELL, Dean. *Cannibalism today*. In: Mac Cannell, Dean. *Empty meeting grounds*. London: Routledge, 1992 a. p. 17-73.
- MAC CANNELL, Dean. *Postmodern community planning: notes on the homeless and other nomads*. In: Mac Cannell, Dean. *Empty meeting grounds*. London: Routledge, 1992 b. p. 87-113.
- MAC CANNELL, Dean. *Reconstructed ethnicity: tourism and cultural identity in Third World communities*. In: Mac Cannell, Dean. *Empty meeting grounds*. London: Routledge, 1992 c. p. 158-171.
- MAC CANNELL, Dean. *The Locke case*. In: Mac Cannell, Dean. *Empty meeting grounds*. London: Routledge, 1992 d. p. 172-180.
- MOULLIN, Maria Clara. “*Narrando as origens: Um estudo sobre a memória mítica entre os descendentes de imigrantes da região italiana do Rio Grande do Sul*”: *Dissertação de Mestrado em Antropologia Social*. Porto Alegre: UFRS, 1993.
- NAGEL, Joane. *American, Indian ethnic: red power and the Resurgence of identity and culture*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- SAHLINS, Marshall. 1997. “*O ,Pessimismo Sentimental’ e a Experiência Etnográfica: por que a Cultura não é um Objeto em Vias de Extinção*”. *Mana. Estudos de Antropologia Social*, 3 (1): pp. 41-73
- VAN DEN BERGHE, Pierre L. *Keynes, Charles, F. Introduction: tourism and re-created ethnicity*. *Annals of Tourism Research* v. II, p. 343-352, 1984.
- VAN DEN BERGHE, Pierre L. *The quest for the other, ethic tourism in san Cristobal*, México, Seattle: University of Washington Press, 1994.